

CAMÕES ENGLISH THEATRE COMPANY (Lisboa)

Entrevista a Hugo Simões, Luís Francisco Sousa e Maria Nazaré Campos, conduzida por Ana Salgueiro

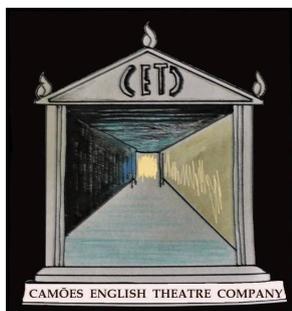


Vários elementos da CETC com convidados, após atuação da companhia

“Fomos experimentando e aprendendo e foi assim que tudo começou”. Estas são as palavras com que, de forma lapidar e em tom de breve balanço, se apresenta hoje a Camões English Theatre Company (CETC), um projeto teatral em língua inglesa, fundado no ano letivo de 2010/2011 na Escola Secundária de Camões (antigo Liceu Camões). O propósito inicial parecia ser simples: *levar à cena*, em contexto escolar, o texto *Hamlet* de Shakespeare. Contudo, a *experimentação* então iniciada frutificou e, de performance em performance, de aprendizagem em aprendizagem, de cada saída e entrada de (novos) membros, a CETC transformou-se num projeto com a solidez de quase uma década de

existência, cuja atividade se estende também à criação dos próprios textos dramáticos que são depois encenados e que, entretanto, deixou de se circunscrever exclusivamente ao contexto escolar onde a sua sede permanece instalada. Constituída e dirigida por alunos e ex-alunos da escola (estes últimos a ela regressando frequentemente), a CETC encontrou nessa sua transitoriedade e na circulação dos seus elementos e do seu trabalho performativo (numa dinâmica aberta à interação com outros contextos), dois valores axiais que estruturam o trabalho e o funcionamento da companhia. Este perfil dinâmico e aberto conduziu já vários dos seus elementos para o teatro profissional, assim como ao acolhimento, no espaço da Escola Secundária de Camões ou em espaços de instituições parceiras, de festivais de teatro e de vários convidados ligados às artes performativas, cuja experiência reforça quer a aprendizagem dos jovens que integram a companhia, quer a divulgação do seu trabalho.

Apresentação Sumária da Companhia



CAMÕES ENGLISH THEATRE COMPANY

<https://liceucamoes.wixsite.com/camoes/cetc>

<https://www.youtube.com/channel/UCa3Xq6WeXbwB-PrRt5oLt1w>

Local de fundação e de residência

- Escola Secundária de Camões**
Lisboa | Praça José Fontana, 1050-129 Lisboa

Género(s) performativo(s) dominante(s) no seu repertório

- Teatro:**
 - Drama;
 - Comédia;
 - Teatro filosófico;
 - Leitura e gravação de textos

Data da fundação

- Início do ano lectivo 2010/11

Membros fundadores, cargos/papéis na companhia e suas respectivas naturalidades

- Maria Nazaré Campos:** coordenadora [natural de Chaves]
- João Pedro Santos:** encenador [natural de Lisboa]
- Hugo Simões:** membro da direcção, escritor, actor, encenador, músico [natural de Angra do Heroísmo]
- Ricardo Silva:** escrita, actuação, formação, direcção técnica
- Simão Cortês:** escrita, actuação (ex-membro) [natural de Lisboa]
- Filipa Pedroso:** escrita, actuação (ex-membro) [natural de Lisboa]
- Zillah Clarke**
- Renato Botão**
- ... outros actores

Atuais membros da companhia e respetivos cargos na companhia

- Luís Francisco Sousa:** director, escrita, encenação, actor
- Hugo Simões:** direcção, encenação, escrita, actor
- Maria Nazaré Campos:** coordenação
- Rita Madalena Cabrita:** atriz
- José Manuel Sousa:** actor
- Marta Sanches:** atriz
- José João Baptista:** actor
- Ilísio Boaventura:** actor
- Rita Madalena Cabrita:** actor
- Ricardo Silva:** actor
- Miguel Filipe:** actor
- Inês Gama:** assistência técnica
- e ... outros actores.

N.º de peças levadas à cena e locais de representação

2017 - *One-Minute Play Festival* [FLUL]
 2016 - *One-Minute Play Festival* [FLUL]
 2015 - *One-Minute Play Festival* [FLUL]
 2014 - *One-Minute Play Festival* [FLUL]
 2014 - *A Whole Bunch of Sketches* [FLUL]
 2014 - *The Playwright* [Auditório Camões]
 (2013 - *Submarine*, cancelada.)
 2013 - *Monty Python's History of the Joke*, Gala Camões (Coliseu dos Recreios, 12 de Novembro), e na Gala Solidária (Escola Nuno Gonçalves) e no Café Concerto (13 de Dezembro)
 2011/2012 - *Tobermory and the Polysyllabic Spree* [Auditório Camões]
 2010/2011 - *Hamlet Smith and the Vanishing Star* [Auditório Camões]

Youtube: CETC's Soundbites

Identificação dos responsáveis pelas respostas a esta entrevista de passagem

- Hugo Simões
- Luís Francisco Sousa
- Maria Nazaré Campos

T[RANSLOCAL]: Como nasceu a Camões English Theatre Company? E porquê um teatro com repertório inteiramente em inglês numa escola como o *Liceu Camões*?

C[amões] E[nglish] T[heatre] C[ompany]: A ideia surgiu no ano lectivo de 2010/2011, na turma de Inglês do 12º ano. Estávamos a estudar o *Hamlet* e entre os alunos estava o João Pedro Santos, que fazia teatro desde criança e que seguiu essa carreira enquanto actor, produtor e formador. Tínhamos o Ricardo Silva que era conhecedor e perfeccionista em questões técnicas. O João Pedro sugeriu que encenássemos a peça. Éramos um grupo pequeno e tínhamos inclusivamente uma *native speaker* entre os alunos, a Zillah Clarke. A Zillah trouxe dois amigos: o Hugo Simões e o Renato Botão. E mais entretanto apareceram. Como o projecto era destinado à escola, decidimos fazer uma adaptação acessível ao secundário. A Filipa Pedroso teve uma ideia acerca de uma companhia que estava a preparar-se para levar à cena *Hamlet*, e de uma actriz que faltava sistematicamente aos ensaios e, juntamente com o Simão Cortês, escreveram o guião. Havia um encenador alcoólico, impaciente e nostálgico (Hugo Simões) e uma série de actores com problemas pessoais que interferiam no processo. O resultado foi uma comédia, com as passagens mais conhecidas da peça de Shakespeare incluídas em forma de ensaio. Correu tão bem e as pessoas gostaram tanto que decidimos continuar.

Todos os anos entram novos membros e muitos dos mais antigos, já com licenciatura e mestrado, ainda aqui estão. O João Pedro Santos começou por dar a formação, depois o Hugo Simões trouxe os dois primos, que já tinham uma experiência teatral de alguns anos e um deles, o Luís Francisco Sousa, foi convidado a ficar como director da companhia. Fomos experimentando e aprendendo e foi assim que tudo começou.

T: Quais os objetivos do CETC? Têm eles vindo a ser alcançados? A que se deverão esses resultados?

CETC: Tratava-se de aproveitar a oportunidade dada pela escola, espaço e tempo, e desenvolvermos as capacidades de escrita para teatro, actuação, encenação, produção de espectáculo e assim adquirir experiência numa forma de arte que nos interessava. Aprendemos muito. Experimentámos muito. Fomos aprendendo a difícil arte de conciliar o inconciliável. E não tem fim.



A CETC em atuação

T: Muitas são as escolas que, em diversas localidades do país, acolhem projetos de teatro escolar. A CETC relaciona-se com algum desses projetos?! O que vos parece ser distintivo da CETC, relativamente a outros projetos de teatro escolar que conheçam?

CETC: Não temos muito contacto com outros projectos. O nosso trabalho destina-se só a fazer teatro em língua inglesa e isso restringe a nossa possibilidade de cooperação. Para além disso a concentração na produção de espectáculos específicos não nos deixa muito tempo de sobra. Mas às vezes colaboramos com outros projectos, dentro e fora da escola, sempre em língua inglesa.

T: A que públicos se destina o vosso trabalho performativo? E como é recebido e dialoga o CETC com os seus destinatários?

CETC: Inicialmente e nalguns espectáculos que realizámos de manhã, o destinatário era a população escolar. Mas rapidamente os espectáculos da noite passaram a destinar-se a um público universal. A partir do momento em que a companhia cresceu, decidimos, para dar oportunidade a todos, adoptar o modelo de um One-Minute Play Festival, aberto ao exterior, em forma de competição, com um júri de profissionais do mundo do espectáculo e da comunicação. Este modelo gera por si só uma dinâmica comunicativa.

T: O facto de a CETC ser uma companhia residente numa escola secundária localizada na cidade de Lisboa condiciona a escolha do vosso repertório, o método, a organização e os resultados do vosso trabalho? Porquê?

CETC: Não há grandes condicionalismos. Os que existem costumam ser de ordem prática. Trata-se de levar à cena espectáculos para uma comunidade universal, com menores e respectivas famílias, mas, mesmo assim, podemos dizer que estivémos sempre à vontade e nunca nos abstivémos de incluir peças com assuntos complicados ou profanidade. Por outro lado, infelizmente, temos de ser mais reservados no que diz respeito a nudez ou a sujar o palco de alguma maneira. Houve mesmo o caso de uma peça que conseguiu o feito de combinar as duas coisas e que, por isso, tivémos de rejeitar. Com pena.

T: A escola é, por natureza, um lugar de passagem, onde se cruzam sujeitos provenientes de diversos outros lugares geográficas, sociais, culturais,... seguindo, depois, novas rotas pessoais mais ou menos afastadas dos grupos de pertença construídos durante essa *passagem escolar*. Em que medida o CETC trabalha (ou não) com a *bagagem* trazida pelos seus membros para a companhia e para a escola?

CETC: Cada membro traz as suas competências, a sua cultura e os seus projectos. A diversidade é um dado adquirido. As peças são escritas pelos nossos actores. Cada um pode seguir a linha de experimentação que quiser. Há sempre momentos nos ensaios para analisar, questionar os autores. Discutir é uma prática constante. Todos temos as nossas particularidades e por vezes surgem pessoas com projectos e talentos muito diferentes, o que é sempre inspirador. Algumas pessoas destacam-se e fazem a diferença. Por exemplo, quando o Gonçalo Albergaria está disponível é sempre notável. Ou mesmo uma pessoa mais nova, como a Adriana Quinkardete, que agora está a estudar teatro no Canadá, quando chegou trouxe uma grande dose de espontaneidade e energia.



A CETC em atuação

T: E como se relaciona a CETC com os seus elementos, depois de estes partirem da escola, construindo os seus percursos académicos e/ou profissionais próprios?

CETC: Aqueles que querem continuar, continuam. Muitos não conseguem, mas vêm assistir às nossas produções sempre que podem. E fazem os seus comentários que são sempre úteis e bem-vindos. Tivémos a sorte de conseguir criar um ambiente em que os membros do grupo se sentem à vontade e em que se



criaram amizades, e isso tem ajudado a que várias pessoas voltem ou vão ficando, o que é óptimo!

Vários elementos da CETC em atuação

T: Camões foi também dramaturgo, num tempo em que, como hoje, as fronteiras linguísticas e culturais nem sempre coincidem com as fronteiras políticas das nações. Pensar hoje em Camões, nem sempre nos conduz até estas considerações, podendo, por isso, suscitar alguma estranheza, a associação do nome de Camões a teatro em língua inglesa, sobretudo junto de quem não saiba dever-se essa associação à instituição que acolheu o projeto: a Escola Secundária de Camões, antigo Liceu Camões. Em algum momento essa aparente transgressão cultural/linguística marcou a orientação do vosso trabalho e do vosso repertório?

CETC: Começou assim e não quisémos mudar, quando o projecto se alargou. Não vemos transgressão nenhuma. É arte e são linguagens. Camões teria apreciado.

T: *Lugares de passagem* são, por natureza, instáveis e dinâmicos. Em que medida essa eventual instabilidade determina o processo criativo da CETC e a sua história?

CETC: O grupo é muito flutuante. Todos os anos saem e entram pessoas com expectativas e ideias diversas. Há um grupo estável de cerca de dez pessoas, que inclui pessoas como a Rita Cabrita e o José Manuel Sousa, e vamo-nos adaptando. O modelo das peças curtas permite-nos uma grande flexibilidade e possibilita a integração de projectos e perspetivas diferentes. Chegámos a ter um membro que escrevia e produzia trabalhos com uma vertente filosófico-teológica. Algo que contrasta um pouco com outras peças de um minuto que consistiram essencialmente em atirar tartes. Por outro lado, é preciso dizer que existe uma direcção que tem sido uma espécie de núcleo estabilíssimo ao longo dos anos e que daí surgiram algumas ideias fixas sobre o rumo da companhia. Temo-nos apercebido ao longo do tempo que sem um qualquer núcleo, mesmo com a muito boa vontade dos restantes membros, o grupo deixaria de existir. Essa tem sido a nossa maior dificuldade, ao longo dos anos: chegar a um ponto em que teremos uma instituição que permanecerá ao longo dos anos, independentemente dos membros da direcção, como é o exemplo dos Cambridge Footlights.

T: “Performance” é hoje um conceito que ultrapassou largamente a área das Artes Performativas. Neste sentido, a Escola (e a Escola Secundária de Camões em particular) é também um espaço performativo, onde jovens em formação ensaiam a representação de diversos papéis na sua vida imediata e futura. Que relevância podem ter projetos performativos como o CETC no desenvolvimento dessas e de outras competências performativas dos jovens?

CETC: Ao possibilitar a experimentação e a cooperação destes jovens noutros projectos paralelos, como, por exemplo, momentos de leitura pública, gravação de voz, participação noutras actividades da escola e fora dela, o CETC contribui para dotar os seus membros de autonomia, capacidade de trabalhar em equipa, exercer a sua responsabilidade, sentido crítico, competências linguísticas e técnicas, e, acima de tudo, humanas, e, assim, ensaiar alguns dos *seus vários papéis* para um outro *palco* muito mais vasto. Mais do que isto, temos sido também uma espécie de rampa de lançamento para vários dos nossos membros, particularmente através do *One-Minute Play Festival*: temos o caso do Miguel Moura e Silva, que foi escolhido para protagonista da série *1986* pelo Nuno Markl, na sequência de ter sido visto no festival; o caso do José João Cruz, que foi convidado para fazer *casting* para um filme brasileiro; e do Hugo e do Luís, que tanto participaram numa peça escrita pelo Nuno Markl depois de serem vistos no OMPF, como conseguiram contactar o Pedro Boucherie da SIC Radical, tendo hoje uma série sua no canal: *A Bola Maciça*.



Cartaz de divulgação da edição de 2019 do *One-Minute Play Festival* (março 2019) + Info. [aqui](#)

T: Em que projeto(s) está presentemente a trabalhar o CETC?

CETC: Neste momento, para o ano de 2018/19 estamos (alguns dos nossos membros) a colaborar com a professora Ângela Lopes e a professora Teresa Ferreira numa adaptação de *The Fall of the House of Usher* de Edgar Allan Poe, a partir do guião de Peter Hammill, e vamos começar a preparar mais um *One-Minute Play Festival*, que terá lugar em março de 2019.

T: Em que projeto(s) está presentemente a trabalhar o CETC?

CETC: Neste momento, para o ano de 2018/19 estamos (alguns dos nossos membros) a colaborar com a professora Ângela Lopes e a professora Teresa Ferreira numa adaptação de *The Fall of the House of Usher* de Edgar Allan Poe, a partir do guião de Peter Hammill, e

vamos começar a preparar mais um One-Minute Play Festival, que terá lugar em março de 2019.

T: Muito obrigada pela vossa disponibilidade em colaborarem nesta terceira edição da revista TRANSLOCAL de 2018. Felicidades para a CETC e para os muitos jovens que, na vossa companhia, têm redescoberto a performance e o teatro contemporâneos.

HUGO SMÕES:

Membro da direcção e actor na CETC, actor em *Lusitânia Comedy Club: O Porquê da Coisa*, de Nuno Markl, Frederico Pombares e Francisco Palma. Criador da série *A Bola Maciça* (SIC Radical) e poeta publicado em revistas como *Across the Margin*, *The Río Grande Review* e *Third Point Press*.

LUÍS FRANCISCO SOUSA:

Director e actor na CETC e em *Lusitânia Comedy Club: O Porquê da Coisa*, de Nuno Markl, Frederico Pombares e Francisco Palma. criador da série *A Bola Maciça* (SIC Radical).

MARIA NAZARÉ CAMPOS:

Professora de Inglês do Ensino Secundário no Liceu Camões e fundadora da CETC.